

A ‘CRISE’ DO MOVIMENTO NACIONAL DE MENINOS E MENINAS DE RUA NO BRASIL: UMA ANÁLISE CRÍTICA DA REDE DE PRÁTICAS

Viviane de Melo Resende
(Universidade de Brasília)

“Até porque a criança e o adolescente sempre foram os sujeitos de depois”

Introdução

Este trabalho é um recorte da pesquisa de doutoramento “Exclusão social e protagonismo juvenil no contexto do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua: uma investigação etnográfico-discursiva”, levada a cabo junto ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade de Brasília. A pesquisa tem como referencial teórico a Análise de Discurso Crítica e visa à análise de ação, representação e identificação em dados etnográficos multimetodológicos gerados junto àquele movimento social.

Em análises anteriores, verifiquei a referência recorrente, por parte de membros da Comissão Local do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua no Distrito Federal (MNMMR/DF), à ‘crise’ – de cunho financeiro, pedagógico, administrativo e de militância – em que se encontra o Movimento. Neste trabalho proponho uma análise discursiva dessa ‘crise’, discutindo as representações de uma educadora do Movimento acerca da ‘crise’ e de sua relação com diversos grupos de atores sociais.

O trabalho encontra-se dividido em quatro seções. Na primeira contextualizo o Movimento Nacional de Meninos de Rua e sua ‘crise’. Em seguida teço breves considerações sobre a Análise de Discurso Crítica. Na terceira seção contextualizo o trabalho etnográfico para geração de dados e a entrevista em foco. Por fim apresento uma análise representacional dos dados.

1. O Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua no Distrito Federal

Embora a Constituição brasileira adote a teoria da proteção integral a crianças e adolescentes – que se define na responsabilização da família, da sociedade e do Estado por sua proteção –, o Estatuto da Criança e do Adolescente é freqüentemente desrespeitado, inclusive por falta de conhecimento da sociedade a seu respeito (Melo, 2001). Crianças e adolescentes protegidos/as pelo Estatuto comumente desconhecem seu conteúdo e/ou não sabem a que órgãos recorrer em caso de desrespeito a seus direitos.

O Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMMR) atua nessa lacuna: busca ampliar o conhecimento de crianças e adolescentes acerca de direitos assegurados em Lei. O foco de ação do Movimento é a conscientização de crianças e adolescentes vítimas da precariedade social, que se encontram em situação de risco devido a sua localização desprivilegiada na distribuição de recursos materiais e simbólicos na sociedade. O conceito de ‘meninos e meninas de rua’ adotado pelo Movimento, então, é amplo: ultrapassa o senso comum de que pertencem a essa categoria apenas crianças e adolescentes que vivem nas ruas ou tiram dela seu sustento, para abarcar também crianças e adolescentes das periferias. Isso porque essas crianças e adolescentes encontram-se constantemente em situação de risco devido ao contexto de precariedade sócio-econômica em que se situam.

A organização, e a formação, de meninos e meninas nessas condições é o projeto essencial do MNMMR. Esse projeto é posto em prática nos núcleos de base onde “debatem sua condição social de excluídos, adquirem conhecimento e despertam para a consciência de seus direitos, elaborando soluções e alternativa para suas vidas” (MNMMR, 2005). O centro da proposta, pautada no conceito de ‘protagonismo juvenil’, é que por meio da participação ativa o/a adolescente possa envolver-se na solução de problemas reais na comunidade e na sociedade. O que caracteriza o protagonismo juvenil é que o/a jovem emerge como fonte de iniciativa, na medida em que é dele/a que parte a ação; de liberdade, uma vez que na raiz de suas ações está uma decisão consciente; e de compromisso, manifesto em sua disposição de responder por seus atos (Costa, 1998).

O MNMMR é uma organização da sociedade civil com desdobramentos em quase todos os estados do Brasil, e as várias Comissões Locais atuam de forma integrada por meio de Encontros e Assembléias. O auge do trabalho desenvolvido pelo Movimento deu-se na década de 1980, época em que a organização, integrada a outras esferas, notadamente a Igreja por meio da Pastoral da Criança e a esfera política, logrou uma mudança no paradigma do tratamento à infância no País com a substituição do antigo Código do Menor pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Assim, a conquista do Estatuto da Criança e do Adolescente, que eleva a percepção legal de crianças e adolescentes de objetos a sujeitos de direitos, foi “fruto de uma longa luta social pela mudança” (INESC, 2004). O Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua teve papel central nessa luta.

A partir dos anos de 1990, entretanto, o MNMMR passou a amargar a maior crise organizacional de sua história, em decorrência de diversos fatores. Um dos aspectos determinantes da ‘crise’ foi a acusação de má utilização de dinheiro público, no primeiro projeto aprovado para transferência de recursos da União para uma organização da sociedade

civil. Como o Movimento tem apenas um CGC, utilizado pela iniciativa nacional e por todas as comissões locais, a incapacidade de três dessas comissões em prestar contas sobre a utilização dos financiamentos acarretou um processo no Tribunal de Contas da União. Com o ‘nome sujo’, o MNMMR passou a encontrar dificuldades na aprovação de projetos, o que acarretou uma crise financeira. Esta, por sua vez, desdobrou-se em crises de natureza pedagógica e administrativa. Some-se a isso a crise de militância em favor dos direitos de crianças e adolescentes em decorrência, por um lado, do fortalecimento de outros temas transversais de luta social – como as questões agrária e ambiental – e, por outro lado, da criminalização de movimentos sociais e da emergência do discurso pelo rebaixamento da maioria penal no Brasil (Resende, 2007a).

No Distrito Federal, o MNMMR/DF atuava em núcleos de base, localizados em periferias de Brasília cuja carência de investimento público é notória. Em cada um desses núcleos de base, o Movimento manteve oficinas lúdico-pedagógicas com a finalidade de conscientização de crianças e adolescentes acerca dos direitos que a Lei lhes assegura, a fim de favorecer o pensamento crítico e o protagonismo juvenil. Esse sistema de trabalho funcionou bem enquanto o MNMMR/DF contou com recursos de um projeto intitulado “Organização de Meninos e Meninas”, apoiado financeiramente pelo *Séjours Catholique*, entidade francesa que financia projetos sociais. A verba proveniente dessa entidade era revertida na contratação de educadores/as para atuação nos diversos núcleos. O problema é que há cerca de cinco anos esse projeto encerrou-se, e isso somado a outros fatores limitantes acarretou uma desestruturação dos núcleos, cujas oficinas passaram a ser dirigidas e executadas por jovens líderes comunitárias que, na infância e adolescência, fizeram parte do Movimento, e na juventude passaram a atuar como duplicadoras de conhecimento, recebendo bolsas de incentivo pelo trabalho. A atuação dos núcleos, por falta de uma coordenação criteriosa do trabalho das jovens, desestruturou-se, e a própria existência do Movimento foi posta em risco.

Além do encerramento do projeto para organização de meninos e meninas, outro fator determinante da desestruturação dos núcleos de base do Movimento no DF foi a aprovação de um outro projeto, em 1998, também financiado pelo *Séjours Catholique*, para a organização de cooperativas de catadores/as de material reciclável no DF. Esse projeto teve origem na constatação de que em um grupo de catadores/as acampado próximo ao Palácio do Jaburu havia crianças sem acesso à escola e em situação de trabalho infantil, e que isso não poderia ser transformado a não ser pela inserção das famílias no projeto, por meio de sua organização. Em quase dez anos de trabalho, o Movimento logrou organizar, junto aos/as catadores/as, uma

cooperativa que é hoje um movimento articulado nacionalmente com outras organizações comunitárias, com o Governo Federal e Distrital, com o Movimento Nacional de Catadores/as, com o Fórum de Cidadania. A dedicação a esse projeto, entretanto, somada à falta de recursos para a manutenção dos núcleos, acarretou sua desestruturação e a paralização total de suas atividades em dezembro de 2005. Isso porque, com equipe reduzida e alta carga de trabalho junto à cooperativa, o Movimento não foi capaz de manter educadores/as atuando nos núcleos de base e tampouco de coordenar o trabalho das jovens que assumiram os núcleos de suas comunidades.

Nesse contexto desenvolvi o trabalho de geração de dados da pesquisa de que este trabalho é um recorte, a fim de investigar representação, identificação e ação do movimento social no que tange à precariedade social e ao protagonismo juvenil, atentando para sua prática e as parcerias por meio das quais busca a manutenção de seu papel. Se por um lado essa ‘crise’ foi um fator limitante – e até mesmo um impedimento em certos casos – para a realização de etapas de trabalho etnográfico previsto no desenho inicial da pesquisa, por outro lado trouxe à tona outros aspectos igualmente pertinentes. Por isso foi fundamental que o desenho da pesquisa fosse tomado como uma previsão flexível e passível de alterações.

2. Análise de Discurso Crítica como transdisciplina para a crítica social

A Análise de Discurso Crítica (ADC) não é um campo fechado em dois sentidos. Primeiro, não se trata de uma perspectiva teórico-metodológica homogênea, ao contrário, configura-se um conjunto de propostas teóricas sobre o discurso e seu funcionamento social e de enquadres metodológicos para análise de textos escritos, falados, visuais ou multimodais. Assim, a ADC não possui uma superfície claramente definida, sendo necessário delimitar vínculos e perspectivas quando se pretende tornar claro de que tipo de ADC se fala. Algumas abordagens já se tornaram canônicas, como é o caso das propostas de Norman Fairclough, van Dijk e Ruth Wodak, que estabelecem diferentes relações transdisciplinares em seus modelos teórico-metodológicos de ADC.

Em segundo lugar, a ADC não é um campo fechado porque um de seus pressupostos básicos é a multi/inter/transdisciplinaridade. Isso se deve à percepção de que para a análise de textos enquanto instâncias discursivas a Lingüística não é suficiente. Assim, as diversas abordagens de ADC recorrem a diferentes relações entre disciplinas para recontextualizar conceitos oriundos das Ciências Sociais. Tomando como exemplos as propostas de ADC citadas, Fairclough propõe uma articulação entre Lingüística Sistêmica Funcional e Sociologia (Chouliaraki & Fairclough, 1999; Fairclough, 2003); van Dijk (2001) estabelece

diálogo entre Lingüística Textual e Cognição Social; enquanto Ruth Wodak volta-se para a Sociolingüística e a História (Wodak, 1996).

A heterogeneidade de abordagens deve ser celebrada como uma diversidade capaz de garantir diálogos profícuos que possibilitam um constante aperfeiçoamento das ferramentas de que dispomos para analisar instancias discursivas contextualmente situadas. Não se trata de um vale-tudo epistemológico, pois há marcantes continuidades que garantem a coerência necessária ao campo. Em primeiro lugar, as diversas abordagens críticas ao discurso mantêm um foco na relação dialética entre linguagem e sociedade, entendendo que o discurso, como parte das práticas sociais, é tanto influenciado pelas estruturas/ conjunturas sociais como influencia sua manutenção ou transformação. Por isso os eventos discursivos são analisados em ADC tendo em vista os contextos amplos de sua produção, distribuição e consumo.

Além disso, o foco na análise lingüística de textos, recorrendo-se a ferramentas desenvolvidas por diversos ramos da Lingüística Funcional como categorias de análise, é uma constante observável nas diferentes abordagens de ADC. A Lingüística é utilizada por analistas de discurso críticos/as como instrumento para a análise e a crítica de problemas sociais discursivamente manifestos, a fim de mapear os modos pelos quais escolhas lingüísticas de falantes ou grupos de atores sociais relacionam-se a questões sociais mais amplas.

Esse interesse por problemas sociais parcialmente discursivos é outra continuidade notável nas diversas abordagens de ADC. Como prática teórica crítica, a ADC assume uma agenda de pesquisa engajada com problemas relativos à distribuição de recursos materiais e simbólicos nas sociedades contemporâneas. Por isso os conceitos de poder, ideologia e hegemonia são caros à ADC, pois se entende que assim como a linguagem pode ser utilizada como um recurso para a manutenção de relações exploratórias baseadas em poder, é também um recurso potencial para a mudança social.

A versão de ADC de Norman Fairclough tem sido particularmente útil em meus trabalhos de pesquisa. Fairclough (2003) operacionaliza a noção de multifuncionalidade da linguagem, da Lingüística Sistêmica Funcional (LSF) de Halliday (1985), para conceituar os três principais tipos de significado presentes em todo texto: os significados acional, identificacional e representacional. A operacionalização dos três significados mantém a noção de multifuncionalidade presente na LSF, uma vez que Fairclough enfatiza que os três atuam simultaneamente em todo enunciado. Ele explica que o discurso figura de três principais

maneiras como parte de práticas sociais, na relação entre textos e eventos: como modos de agir, como modos de representar e como modos de ser.

A cada um desses modos de interação entre discurso e prática social corresponde um tipo de significado. O significado acional focaliza o texto como modo de (inter)ação em eventos sociais, aproxima-se da função relacional pois a ação legítima/ questiona relações sociais; o significado representacional enfatiza a representação de aspectos do mundo – físico, mental, social – em textos, aproximando-se da função ideacional; o significado identificacional, por sua vez, refere-se à construção e à negociação de identidades no discurso, relacionando-se à função identitária.

Neste trabalho meu foco recai sobre o significado representacional, uma vez que meu objetivo aqui é a análise dos modos pelos quais a educadora do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua representou a ‘crise’ do Movimento na entrevista a mim concedida. Não se trata de comparar as representações da educadora com uma “verdade factual” tomada como dada, mas de analisar suas representações da ‘crise’ e os discursos a que ela recorre. Mesmo reconhecendo a existência de uma realidade social externa ao discurso e independente de nosso conhecimento sobre ela – cerne da teoria do Realismo Crítico recontextualizada nessa versão de ADC (Bhaskar, 1989; Fairclough, Jessop & Sayer, 2002) –, o objetivo da análise representacional não é uma crítica dessa realidade concreta, mas das representações que sobre ela são feitas a partir de discursos particulares.

Na próxima seção explico brevemente como se deu a geração dos dados etnográficos na pesquisa e contextualizo a entrevista com a educadora, que aqui será referida por meio do pseudônimo Vera.

3. Os dados etnográficos e a entrevista com Vera

A pesquisa de que este artigo é um recorte tem como objeto um conjunto de dados etnográficos multimetodológicos (Mason, 2006). O primeiro método adotado foi a observação participante. A *observação participante* origina-se, como boa parte dos métodos etnográficos, da antropologia social e cultural. Opõe-se à observação (pretensamente) objetiva, em que o contexto social pesquisado é abordado ‘de fora para dentro’. A observação participante, ao contrário, define-se pela perspectiva interna, situada na ação cotidiana, em que o/a pesquisador/a envolve-se diretamente na atividade dos/as participantes da pesquisa. Uma vantagem da observação participante é o acesso a certas assunções que em uma dada comunidade são tomadas como tácitas e que, de outra forma, apenas seriam disponibilizadas por meio das representações da própria comunidade (Bogdewic, 1992).

A observação participante foi o método inicial para geração de dados na pesquisa, porque uma aproximação paulatina com relação ao contexto de pesquisa e aos/as participantes assegura maior validade dos dados, uma vez que aos poucos se estabelece *rapport*, conquistando-se mais confiança dos sujeitos envolvidos e menos interferência da presença da pesquisadora no contexto de pesquisa – isso não significa que eu alimente a ilusão de me manter neutra em campo ou, mais que isso, que a neutralidade seja meu objetivo. Significa apenas que me tornar parte do contexto em que pretendi fazer minha pesquisa, e assim estabelecer relação prévia com as participantes, foi um modo de assegurar a geração e a validade dos dados.

A entrevista que analiso aqui é *focalizada*, um tipo de entrevista que permite que a interação se desenvolva mais livremente, ainda que focalizada em pontos específicos de interesse (Doncaster, 1998). Esse método visa deixar os/as participantes livres para relatarem o que considerem relevante acerca do tema estudado, o que tem o duplo mérito de alcançar a perspectiva dos sujeitos face ao tema e de não invadir de maneira indesejável sua privacidade. A entrevista foi realizada em fevereiro de 2007, depois de quase dois anos de convívio com membros do Movimento, inclusive com a educadora. Vera dedicou-me uma hora e vinte minutos nessa entrevista, e por isso lhe sou grata. A gravação em áudio aconteceu na sede da Comissão Local do MNMMR/DF, no subsolo do Edifício da Polícia Rodoviária Federal, na Asa Norte de Brasília. O local é conhecido como ‘Corredor da Cidadania’, por ser dividido em salas ocupadas por diversas organizações da sociedade civil, entre elas o Movimento Nacional de Direitos Humanos, os Voluntários Candangos, o Conselho das Entidades de Promoção e Assistência Social do Distrito Federal e o Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes, parceiro do Movimento em diversos projetos.

Focalizo na entrevista apenas a representação da ‘crise do Movimento’, embora tenhamos tratado muitos outros aspectos relativos à organização e à atuação de Vera. Trata-se de escopo, visto que há muitas outras questões pertinentes a se investigar na entrevista. Minha atenção volta-se sobretudo para as relações causais explicitamente marcadas por Vera.

4. Análise de excertos da entrevista: a representação da ‘crise’

Nesta seção, apresento uma análise representacional de recortes da entrevista que fiz com Vera em fevereiro de 2007 na sede da Comissão Local do MNMMR/DF. Meu objetivo com essa análise é investigar os modos de representação da ‘crise’ do MNMMR/DF por Vera, especialmente no que tange à representação de suas causas e conseqüências para a atuação da organização.

Salta aos olhos na entrevista a alta densidade de relações causais explicitamente marcadas por ‘porque’. Concentro minha atenção, na análise ora apresentada, em alguns dos trechos em que esse elemento textual aparece em referência a eventos relacionados aos problemas enfrentados pelo Movimento.

Ao tratar as relações estabelecidas entre orações pelos mecanismos de coesão textual, Halliday distingue três tipos de relações lógico-semânticas de expansão entre orações: elaboração, extensão e realce (Halliday, 2004). Na elaboração, a oração que expande o significado expresso em outra não acrescenta novos elementos, mas provê uma maior caracterização da informação dada: reafirma, esclarece, refina, exemplifica, comenta. Na extensão, uma oração expande o significado de outra introduzindo algo novo por meio de adição, deslocamento ou alternativa. No realce, uma oração destaca o significado de outra, monta-lhe um cenário qualificando-a com característica circunstancial em referência a tempo, espaço, modo, causa ou condição (Carlos Gouveia, comunicação pessoal no curso ‘Análise do Discurso e Lingüística Sistêmica Funcional’, organizado pelo Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade da Universidade de Brasília, 2006).

Uma vez que o foco aqui são relações causais, interessam-me os casos de realce. Segundo Halliday, quando as relações causais focalizam a razão podem ser construídas no sentido ‘causa ^ efeito’ ou no sentido ‘efeito ^ causa’, dependendo do elemento topicalizado. As relações de realce do tipo ‘causa ^ efeito’ são freqüentemente marcadas por ‘então’ (causa > então > efeito), e nas relações do tipo ‘efeito ^ causa’ o marcador mais freqüente é o ‘porque’ (efeito > porque > causa) (Halliday, 2004). Isso não significa que tais relações não possam ser marcadas diferentemente, como mostrarei na análise.

A análise das relações causais na amostra discursiva em foco resulta de um longo processo. Como sabemos, pesquisas que lidam com dados etnográficos são trabalhosas pela extensão dos dados gerados, o que exige métodos para organização dos dados. Em primeiro lugar, fiz a transcrição da gravação da entrevista e, em seguida, uma leitura cuidadosa das 18 páginas resultantes da transcrição.

O próximo passo foi a seleção de recortes do texto com base em temas específicos, o que reduziu o material à metade, e nova leitura acurada dos excertos. Foi nessa etapa do trabalho que percebi a alta densidade do marcador causal “porque” nos trechos selecionados: em nove páginas de recortes da transcrição havia 60 ocorrências do marcador. Foi então que decidi trabalhar com essa categoria analítica na investigação das representações da ‘crise do Movimento’ por Vera, uma vez que a análise das relações de causa e efeito poderia ser

esclarecedora dos eventos por ela considerados determinantes dos problemas enfrentados pela organização.

Decidi, então, gerar uma tabela a fim de organizar os excertos em termos das relações causais explicitamente marcadas. Sendo ainda demasiados dados para os objetivos deste trabalho fiz nova seleção de temas, concentrando-me apenas nos excertos tangentes aos núcleos de base, à cooperativa de catadores/as de material reciclável e à ‘crise’ propriamente dita. Cheguei a 14 trechos, dentre os quais foram selecionados 10 para serem analisados aqui. Os excertos serão apresentados na ordem em que figuram na entrevista.

Meu objetivo com essa análise não é uma caracterização formal das relações causais, mas uma análise representacional, isto é, interessa-me o modo como essas relações representam simbolicamente os eventos sociais focalizados por Vera. Em primeiro lugar, abordarei os exemplos referentes à cooperativa; em seguida, focalizarei aqueles referentes aos núcleos de base e, por fim, analisarei os excertos diretamente referentes à ‘crise’ da organização. Vejamos o exemplo (1):

- (1) “E a gente ficou com um número muito reduzido – quer dizer, reduzidíssimo – de educador, com um tanto de coisa para fazer porque a gente tem o... um dos projetos que o Movimento, nos últimos anos, teve, de grande porte, foi esse projeto com os catadores”.

efeito ^ causa [ruptura] ^ causa reformulada [REALCE (causa)]
EFEITO
Número reduzido de educadores/as com muito trabalho
CAUSA (IMPLÍCITA)
Trabalho com a cooperativa

Ao estabelecer relação entre a desestruturação da nucleação no Movimento com a organização da cooperativa, Vera opera uma ruptura na relação de causa, tornando-a menos explícita. Ela não completa a oração introduzida por “porque”; opera uma segmentação na estrutura iniciando uma nova oração. Embora o conector causal esteja explícito, a relação causal permanece implícita, mitigando o efeito do trabalho com a cooperativa como causa da desestruturação dos núcleos. No excerto (2), a educadora ocupa-se em justificar o início do trabalho com os/as catadores/as no âmbito de um movimento social dedicado aos direitos sociais de crianças e adolescentes:

- (2) “Não tinha condições de incluir os meninos numa invasão. A gente tinha que trabalhar com os pais, organizar os pais no trabalho porque a gente também viu na atividade que o governo derrubava toda vez essas pessoas, as casas que elas moravam, queimava o material que eles trabalhavam, aonde dava alimentação para as crianças e davam para eles se virarem.”

efeito ^ causa [REALCE (causa)]

EFEITO

Necessidade de organizar os/as adultos/as no trabalho

CAUSA

Manutenção da subsistência das famílias (incluídas as crianças)

Vera justifica a atuação do Movimento junto ao grupo de catadores/as pela condição das crianças. A relação causal aqui é explícita, o que pode ser explicado pelo fato de essa atuação ter sido muito criticada – sobretudo por jovens membros do Movimento que se sentiam prejudicados/as pela desestruturação dos núcleos – como perda de foco do Movimento, cujo escopo são os direitos de crianças e adolescentes (sobre isso, ver também o exemplo (6)). O significado é fortalecido pela modalização deôntica de obrigatoriedade expressa em dois trechos do excerto (“não tinha condições” e “tinha que trabalhar com os pais”). Assim, a necessidade de garantir os direitos de crianças das famílias de catadores/as, que se encontravam em situação de trabalho infantil e fora da escola, além da garantia de sua subsistência, justifica, nessa relação causal, o início da organização de pais/ mães no trabalho.

A análise das relações estabelecidas por Vera entre a organização dos/as catadores/as e os problemas de nucleação do Movimento deixa clara uma percepção de que a dedicação a esse trabalho teve, para ela, efeito na desestruturação do trabalho de nucleação, embora a organização da cooperativa seja representada como uma ação necessária e justificável, no âmbito de um movimento voltado para a garantia dos direitos de crianças e adolescentes, pela existência de crianças em situação de risco no grupo de catadores/as.

Nos excertos referentes aos núcleos de base, Vera ocupa-se em caracterizar (i) a relação entre projetos de mobilização e organização comunitária e agências de financiamento; (ii) a necessidade de recursos financeiros para a realização desse trabalho; (iii) os eventos que levaram à manutenção dos núcleos por jovens protagonistas do MNMMR/DF, sem a coordenação de educadores/as; (iv) alguns dos problemas que isso acarretou. Por meio da análise das relações causais estabelecidas nos trechos, é possível perceber os modos como Vera representa esses eventos. Vejamos:

- (3) “Quando o *Séours Catholique* deixou de financiar o projeto, a organização de meninos, que é um projeto caro – ele demora a dar resultado porque não é um resultado a pequeno prazo. Ele é um resultado a longo prazo, ele é um processo de participação que os meninos têm voz, de protagonismo, participação mais política, de mobilização.”

efeito ^ causa [IMPLÍCITO/ REALCE (causa)]/ efeito ^ causa
[REALCE (causa)]/ REELABORAÇÃO/ EXTENSÃO]

[IMPLÍCITO
EFEITO

O <i>Séours Catholique</i> deixou de financiar o projeto de organização
CAUSA
É um projeto caro]
EFEITO
A organização é um projeto caro que demora a dar resultados
CAUSA
Não é um projeto em pequeno prazo, é um projeto de protagonismo e mobilização

A principal relação causal estabelecida nesse trecho é implícita: aquela entre o encerramento do financiamento pela agência *Séours Catholique* e o fato de a organização de meninos e meninas ser um projeto caro que apresenta poucos resultados em curto prazo. A relação causal explícita no excerto é redundante: “demora a dar resultado porque não é um resultado a pequeno prazo”. O aspecto de longo prazo dos resultados é elaborado três vezes no excerto, o que denota sua relevância para a questão: “ele demora a dar resultado”, “não é um resultado a pequeno prazo” e “é um resultado a longo prazo”. Isso é explicado na enumeração das características do trabalho de organização: “é um processo de participação que os meninos têm voz, de protagonismo, participação mais política, de mobilização”. Esse tópico também é focalizado no exemplo (4):

- (4) “Então, é um projeto caro, que dá poucos frutos e que a gente agora que está recebendo, os meninos assimilam mais na juventude. Porque o trabalho que o Movimento tem, ele tem o lúdico-pedagógico, mas, de verdade, é fazer com que os meninos se movimentem na cidade, em Brasília, no país para mobilizar a questão dos direitos e formar políticas, não deixar passar tantos projetos que inviabilizam os direitos e principalmente [que causem modificações] na lei do Estatuto da Criança e do Adolescente.”

efeito + efeito + efeito ^ causa ^ finalidade [REALCE (causa + finalidade)]
EFEITO
A organização é um projeto caro
+ que dá poucos frutos
+ que é mais assimilado na juventude
CAUSA
O trabalho do Movimento é fazer com que os/as meninos/as movimentem-se [organizem-se, articulem-se]
FINALIDADE
Mobilizar a questão dos direitos

Nesse trecho, Vera explica por que a organização de meninos e meninas dá poucos frutos em curto prazo: trata-se de trabalho de mobilização para a ação política que é mais assimilado na juventude. Embora esse trabalho seja feito com base em oficinas lúdico-pedagógicas (oficinas de teatro, esporte e música, por exemplo), o objetivo não é a assistência, mas o estímulo à ação protagonista – isso fica claro pela modalização epistêmica em “de verdade”. Se o objetivo fosse a assistência, os resultados seriam mais visíveis e

quantificáveis e, talvez (como o excerto (4), quando pensado em articulação com o exemplo (3), pode sugerir), de maior interesse para agências financiadoras.

Durante minha pesquisa de campo, muitas vezes ouvi formulações acerca da dificuldade em aprovar projetos para organização política em comparação a projetos que apresentem viés assistencialista, como creche ou reforço escolar. Isso se relaciona, creio, à tendência de a sociedade civil, sob a forma de ONGs, substituir o Estado em parte de suas funções sociais, o que Bourdieu conceitua como ‘demissão do Estado’ (Bourdieu, 1997). Em sua tese de doutoramento, Magda Lúcio (2007) argumenta que o financiamento internacional de projetos sociais no Brasil tem pouco impacto na garantia de direitos, sendo muito mais voltado para a prestação de serviços de assistência.

No exemplo (5) Vera volta a enfatizar o problema do desinteresse de agências financiadoras no trabalho de nucleação, dessa vez em referência à visibilidade da organização de meninos e meninas:

- (5) “Então, eu acho que, como esse resultado é demorado, as agências financiadoras também... A gente, por exemplo, não ocupa terra. A gente não tem essa mobilização maior, até porque é diferente a luta dos meninos, é mais no nível de congresso, de buscar as políticas públicas, de propor.”

causa ^ efeito [IMPLÍCITO/ REALCE (causa)] efeito ^ causa [REALCE (causa)]

[IMPLÍCITO

CAUSA

O resultado é demorado

EFEITO

As agências financiadoras também... (deixam de financiar o projeto)]

EFEITO

O Movimento não tem essa mobilização maior (como o MST por exemplo)

CAUSA

A luta do Movimento é mais política

Mais uma vez a relação causal mais importante no trecho é deixada implícita: aquela que vincula a demora dos resultados com o financiamento de projetos de organização. Assim como no exemplo (4), o que se oculta é a relação entre o sucesso na aprovação de projetos e a possibilidade de apresentar resultados quantificáveis e/ou salientes. A utilização de rupturas que tornam as estruturas causais implícitas em ambos os casos em que traça essa relação pode sugerir que Vera a considere ‘indizível’, provavelmente pela evidente relação de poder existente entre movimentos sociais e as agências financiadoras de que dependem para desenvolver seu trabalho. Em seguida a educadora estabelece relação causal entre a pouca visibilidade da ação do Movimento e sua atuação mais política, visto que a mobilização do MNMMR/DF acontece nas instâncias políticas do Congresso; junto a frentes parlamentares

que se posicionam contra os projetos de rebaixamento da maioria penal e pela exigência do cumprimento do Estatuto da Criança e do Adolescente; junto aos Conselhos Tutelares etc. A falta de visibilidade dessas ações volta a ser formulada no exemplo (10); antes, porém, Vera atenta para o encerramento do projeto financiado pelo *Séjours Catholique* e suas consequências para a atividade de nucleação. Vejamos o exemplo (6):

- (6) “Para não perder esse trabalho de núcleo, o quê que o Movimento fez, pensou-se... Porque os meninos, os jovens começaram também a cobrar do Movimento “Ah, agora vocês só estão com catador, vocês não dão apoio. E o Movimento, como é que está, não sei o quê”. Aí a gente: “Tá, vocês tocam isso?”. “Tocamos”. “Então tá”. Então, os jovens tiveram uma bolsa para continuar organizando esses meninos.”

finalidade ^ efeito ^ causa ^ efeito [REALCE (finalidade + causa)]
FINALIDADE
Para não perder esse trabalho [de nucleação, quando do encerramento do projeto de organização do <i>Séjours Catholique</i>]
EFEITO
pensou-se... (inconcluso)
CAUSA
Os/as jovens começaram a cobrar
EFEITO
Os/as jovens tiveram uma bolsa para continuar o trabalho nos núcleos

Há uma ruptura textual marcada pela oração inconclusa (“o quê que o Movimento fez, pensou-se...”). Ao invés de formular na oração a solução encontrada para “não perder esse trabalho”, Vera recorre a uma estrutura de discurso relatado que substitui a narrativa dos fatos que levaram à manutenção dos núcleos por jovens do Movimento. Assim fazendo, constrói um quadro em que essa solução aparece como uma construção conjunta de educadores/as e jovens do Movimento, ao contrário do quadro que seria construído por meio da conclusão da oração interrompida (“o quê que o Movimento fez”), que atribuiria a solução encontrada apenas ao Movimento, entendido em sua coordenação. No relato da fala de jovens do Movimento, Vera também expressa, além do desejo desses/as jovens na manutenção da nucleação, a desconfiança que nutriam em relação à legitimidade do trabalho com a cooperativa no âmbito do Movimento. Nos próximos exemplos, Vera volta-se para os problemas resultantes dessa solução encontrada para a manutenção dos núcleos, especificamente para as causas que impediram a coordenação do trabalho das jovens.

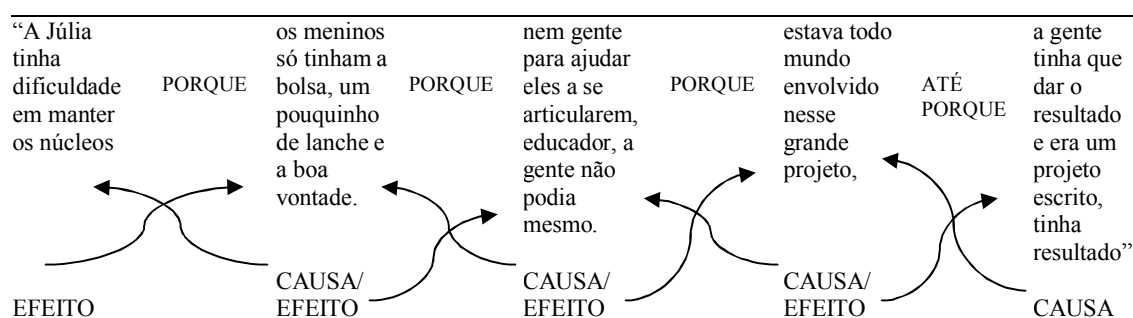
- (7) “Então a Júlia fazia um pouco para não morrer esse trabalho com os meninos. Com muita dificuldade porque os meninos só tinham a bolsa, um pouquinho de lanche e a boa vontade. Porque nem gente para ajudar eles a se articularem, educador, a gente não podia mesmo. Porque estava todo mundo envolvido nesse grande projeto, até porque a gente tinha que dar o resultado e era um projeto escrito, tinha resultado [previsto, a ser atingido]”.

efeito ^ causa efeito ^ causa efeito ^ causa efeito ^ causa [REALCE (causa)]
--

EFEITO
A Júlia tinha dificuldade em manter os núcleos
CAUSA
Os/as meninos/as só tinham bolsa, lanche e a boa vontade/ EFEITO
CAUSA
Não havia gente para ajudá-los nos núcleos/ EFEITO
CAUSA
Estavam todos/as envolvidos/as com a cooperativa/ EFEITO
CAUSA
Havia um projeto escrito com resultados a serem atingidos [o projeto da cooperativa]

Há, nesse exemplo (7), uma interessante recursividade entre causas e efeitos. As causas passam a efeitos, para serem em seguida relacionadas a outras causas, que passam a efeitos sucessivamente. Esse mecanismo é ilustrado no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 – recursividade entre causas e efeitos no exemplo (7)



Esse sistema de relações de causa e efeito sobrepostas serve para justificar o ‘abandono’ dos núcleos de base pela coordenação do Movimento, fato que mereceu críticas por parte das próprias jovens que assumiram os núcleos quando do encerramento do projeto de nucleação. Isso fica claro no excerto que segue:

- (8) “Agora, eu falo é da responsabilidade do Movimento deixar os meninos assim: “Ah, estou lá no Núcleo, não tem ninguém”. Porque os meninos estão sós, é difícil organizar, não é fácil arranjar parceiro na comunidade, você é discriminado, ninguém ouve adolescente; é difícil recurso; empresário não vai financiar uma menina que tem sonho, ele vai financiar um projeto que já tem nome”.

efeito ^ causa + causa + causa + causa + causa + causa + causa [REALCE (causa)]
EFEITO
O Movimento tem responsabilidade em ter deixado os/as meninos/as sozinhos/as nos núcleos
CAUSA
Os/as meninos/as estão sós
+ e é difícil organizar,
+ não é fácil arranjar parceiro
+ há discriminação
+ ninguém ouve adolescente
+ é difícil recurso
+ empresário não vai financiar uma menina que tem sonho e sim um projeto que tem nome

Nesse excerto (8), Vera admite a responsabilidade do Movimento em relação às dificuldades vivenciadas pelas jovens na manutenção dos núcleos. Essa relação é estabelecida a partir da enumeração de sete causas da responsabilidade do Movimento, desde a ausência de coordenação das atividades realizadas pelas jovens (“estão sós”) até a dificuldade de financiamento para a nucleação (“não é fácil arranjar parceiro”, “é difícil recurso”) e a condição da juventude no Brasil (“você é discriminado, ninguém ouve adolescente”, “empresário não vai financiar uma menina que tem sonhos”). Todas essas dificuldades, entre outras, foram citadas por duas das jovens protagonistas em um encontro de grupo focal já analisado (ver Resende, 2007b) e em entrevistas individuais com jovens do Movimento.

Passo agora a focalizar os dois excertos selecionados em que Vera fala especificamente da ‘crise’ do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua no Distrito Federal e suas causas. Os trechos focalizam a natureza do trabalho como educadora nessa organização, a necessidade de divulgação dos trabalhos realizados para a continuidade da captação de recursos e o interesse crescente das agências financiadoras por outros temas, como o meio ambiente, o que dificulta a aprovação de projetos na área de direitos de crianças e adolescentes, segundo Vera. Vejamos cada um dos excertos.

- (9) “Mas, ao mesmo tempo, com essa fragilidade do Movimento, a gente ficou trabalhando com pouco recurso e dando sangue porque é mais militância do que emprego. Tanto é que alguns educadores vieram e foram embora: “Eu não agüento!”. Porque, nessa conjuntura que eu te falei, tem uma época que... Você tem agora que a questão do meio ambiente está em alta. Então, se volta os financiamentos estrangeiros mais para isso.”

causa ^ efeito ^ causa ^ efeito ^ causa (inconclusa)	RUPTURA	causa ^ efeito
[REALCE (causa)]		
CAUSA		
A fragilidade do Movimento		
EFEITO		
A equipe foi obrigada a trabalhar muito e com pouco recurso		
CAUSA		
É mais militância que emprego		
EFEITO		
Alguns/mas educadores/as desistem (não agüentam)		
CAUSA		
Nessa conjuntura, tem época que... [inconcluso]		
RUPTURA		
CAUSA		
A questão do meio ambiente está em alta		
EFEITO		
Os financiamentos voltam-se para o meio ambiente		

Vera formula, nesse exemplo (9), a precarização das condições de trabalho dos/as educadores/as do Movimento em decorrência da “fragilidade do Movimento” em face dos problemas de âmbito nacional e do encerramento do projeto para organização de meninos e

meninas. A relação causal entre a ‘crise’ e as condições de trabalho é formulada explicitamente. Entretanto, quando passa a desenvolver a relação entre essa “fragilidade” e a captação de recursos, em termos da conjuntura de interesse por outros temas de mobilização social, notadamente os problemas ambientais, Vera opera uma ruptura na relação causal iniciada em “Porque, nessa conjuntura que eu te falei, tem uma época que...”. A relação entre a crescente preocupação ambiental e o fluxo dos financiamentos é reformulada no último trecho do excerto. Nota-se nesse exemplo (9) que as causas representadas para a ‘fragilidade’ e a crise de financiamento são extrínsecas ao Movimento, independentes de sua ação concreta. No exemplo (10) o foco se inverte:

- (10) “A gente não deu conta de ter uma pessoa, um secretário executivo que mostrasse esse trabalho [de divulgação das atividades do Movimento], e que a gente conseguisse mais financiamento, que o Movimento entrasse nisso. Porque a gente é o pessoal de base. Sabe pedreiro? Peão de obra? Aí dinheiro está lá e tal, mas a gente é que faz. E a gente não dá conta de promover esse trabalho. Também a gente não pensa em promoção do trabalho. Mas é necessário, senão o Movimento quase morreu. Ele quase morreu com esse trabalho. Porque você tem que promover ação para você receber o financiamento, para você continuar. E a gente não tem...”

	efeito ^ causa/ deslocamento_efeito ^ causa
	[REALCE (causa + causa + causa) EXTENSÃO (deslocamento) REALCE (causa)]
EFEITO	
	Não havia uma pessoa que se encarregasse da divulgação do trabalho do Movimento
CAUSA	
	A equipe se compõe de “pessoal de base”
	+ Não consegue divulgar o trabalho
	+ Não pensa na divulgação do trabalho
DESLOCAMENTO	
	Mas é necessário divulgar o trabalho, ou o Movimento pode acabar
CAUSA	
	A promoção da ação gera financiamento

Nesse excerto, Vera localiza uma causa intrínseca da ‘crise’ de financiamento: a incapacidade da equipe de promover o trabalho, ou seja, de divulgar as ações desenvolvidas a fim de dar visibilidade ao Movimento e atrair novos financiadores. Embora represente a promoção da ação como necessária para a captação de recursos, em estrutura fortalecida pela modalização deôntica (“você *tem que* promover ação para receber o financiamento”), contraditoriamente Vera enumera uma série de justificativas para a incapacidade da organização em lograr a divulgação de suas atividades.

Para van Dijk (2001: 355), “entre muitos outros recursos que definem a base de poder de um grupo ou instituição, o acesso a ou controle sobre o discurso e a comunicação pública é um importante recurso ‘simbólico’”. Nesse sentido, a falta de acesso à produção de textos de divulgação das atividades do Movimento e a eventos comunicativos de divulgação pode ser

considerada um indício da carência desse recurso simbólico. Embora saibamos que grupos minoritários têm pouco acesso à mídia (van Dijk, 1996), nesse caso não se trata de um interdito explícito de acesso, mas da internalização da incapacidade ou da impropriedade de utilização dos recursos disponíveis.

Considerações finais

A alta densidade de relações causais explícitas na entrevista sugere sua filiação a uma lógica explanatória (Fairclough, 2003), pois em sua representação dos eventos envolvidos nos problemas enfrentados pelo MNMMR/DF inclui explanação, causalidade e argumentos expositivos. A lógica explanatória também se nota no estabelecimento de relações temporais, no sentido de como certas conjunturas, eventos ou decisões levaram a efeitos específicos.

Vera observa um conjunto plural de causas para a desestruturação do trabalho de nucleação, objetivo principal do Movimento (MNMMR, 2005), na Comissão Local do DF. Entre as causas representadas destacam-se a dedicação à organização de catadores/as de material reciclável na última década, a dificuldade de captação de recurso para atividades de nucleação, as falhas de coordenação, o fluxo de financiamentos para ações voltadas a outros temas, a falta de acesso à promoção dos trabalhos realizados.

Em relação à cooperativa, os dados mostram que há uma preocupação em justificar o início do trabalho com catadores/as de material reciclável no âmbito de um movimento social voltado para os direitos sociais de crianças e adolescentes, o que pode ser entendido como uma resposta a críticas que emanam do próprio Movimento, sobretudo de jovens ligados/as aos núcleos de base, como fica patente em meus dados de grupo focal (Resende, 2007b). Vera justifica o projeto de organização da cooperativa pela existência de crianças em situação de risco no grupo de catadores/as, afirmando que só seria possível garantir os direitos daquelas crianças a partir da organização dos/as adultos/as no trabalho. Embora admita a influência da dedicação ao trabalho com a cooperativa na desestruturação da nucleação, Vera deixa implícita essa relação causal.

No que se refere especificamente aos núcleos de base, a relação entre a natureza do trabalho de nucleação e a dificuldade de captação de recurso é implicitada. Apesar disso, é possível notar que essa relação é representada como relevante para a crise financeira: a organização de meninos e meninas apresenta poucos resultados em curto prazo, e parece haver uma preferência dessas agências por projetos de assistência, que geram resultados quantitativos e imediatos, em detrimento dos projetos de organização para o protagonismo, que demoram a dar frutos. Além disso, a dificuldade de o Movimento aprovar projetos, de um

modo geral, pode ser relacionada ao que van Dijk (1996) aponta como sendo um dos principais pontos de tangência entre discurso e poder: o acesso de grupos minoritários a elementos discursivos como gêneros, discursos e estilos. É de se notar a dificuldade de membros do Movimento em lidar com gêneros discursivos como projetos de captação de recursos e relatórios, o que denota sua posição disprivilegiada na distribuição desse recurso simbólico.

Vera admite falhas na solução encontrada, em face do encerramento do projeto ‘Organização de Meninos e Meninas’, para a manutenção dos núcleos por jovens protagonistas. A ausência de coordenação junto ao trabalho das jovens – justificada pela falta de educadores/as e pela alta carga de trabalho na organização de catadores/as – é representada como principal causa da desestruturação dos núcleos, ao lado da carência financeira (sobre isso, ver também Resende, 2007b).

Os últimos trechos analisados mostram causas intrínsecas e extrínsecas para a crise do Movimento. Por um lado, a falta de acesso à promoção e à divulgação das atividades realizadas, e a ausência de uma coordenação executiva capaz de cumprir esse papel são representadas como fatores internos para a crise. Mais uma vez mostra-se relevante a questão do acesso ao discurso (van Dijk, 1996), dessa vez especificamente do acesso à mídia para a ampliação da visibilidade social de grupos minoritários.

Por outro lado, Vera ressalta a relevância do fluxo de financiamentos por parte de agências financiadoras para projetos voltados a outros temas, como a questão agrária e o meio ambiente, para a dificuldade de captação de recursos para a garantia de direitos de crianças e adolescentes. A conjuntura de crescente visibilidade da crise ambiental é representada como causa extrínseca das dificuldades enfrentadas pelo Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, pela resultante ofuscação da luta por direitos sociais básicos.

Referências bibliográficas

- BHASKAR, R. *The possibility of Naturalism: a philosophical critique of the contemporary Human Sciences*. Hemel Hempstead : Harvester Wheatsheaf, 1989.
- BOGDEWIC, S.P. Participant observation. In: B.F. CRABTREE & W.L. MILLER (orgs.). *Doing qualitative research*. Newbury Park: Sage, 1992, pp. 45-69.
- BOURDIEU, P. A demissão do Estado. In: BOURDIEU, P. (org.) *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997. pp. 215-224.
- CHOULIARAKI, L. & N. FAIRCLOUGH. *Discourse in late modernity*. Edinburgh: University Press, 1999.

- COSTA, A.C.G. *Protagonismo juvenil*. Salvador: Fundação Odebrecht, 1998 (mimeo).
- DONCASTER, K. Some reflections on relations of power between researcher and researched in a set of interviews. In: S. GIEVE & I. MAGALHÃES (orgs). *Proceedings of the 4th annual C.R.I.L.E. seminar*. Lancaster University, 1998, pp. 71-79.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, N.; JESSOP, B.; SAYER, A. Critical Realism and semiosis. *Journal of Critical Realism (incorporating Alethia)*. 5 (1), 2002: 2-10.
- HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. Revised by C. M. I. M. Matthiessen. London: Arnold, 2004.
- INESC (Instituto de Estudos Socioeconômicos). *Coletânea de leis sobre os direitos da criança e do adolescente*. Brasília: Inesc; Unicef, 2004.
- LÚCIO, M. L. Nova Periferização Urbana – Políticas Públicas com financiamento internacional e o impacto nos direitos sociais. Tese de Doutorado (Sociologia). Universidade de Brasília, 2007.
- MASON, J. Mixing methods in a qualitative driven way. *Qualitative Research*. 6 (1), 2006: 9-25.
- MELO, E.U. Aspectos sobre o trabalho forçado e o trabalho infantil no Brasil. *Cadernos do CEAM*. Brasília: Núcleo de Estudos da Infância e Juventude, 2001. pp. 51-58.
- MNMMR. Organização e formação de meninos e meninas. Disponível na Internet. <<http://pages.apis.com.br/mnmmr/port/organiza.html>> 14 fev. 2005.
- RESENDE, V. M. Dessemelhança e expurgo: a mídia e o debate sobre a violência e o rebaixamento da maioria penal. *Mídia & Política*. v.28, 2007a. pp.1 - 4.
- RESENDE, V. M. Análise de Discurso Crítica e Etnografia: ação, representação e identificação no contexto do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua. *Actas II - X Simposio Internacional de Comunicación Social*. Santiago de Cuba: Centro de Lingüística Aplicada, 2007b. v. II. pp.1194 – 1198.
- VAN DIJK. Critical Discourse Analysis. In: TANNEN, D.; SCHIFFRIN, D.; HAMILTON, H. (orgs.). *Handbook of Discourse Analysis*. Oxford: Blackwell, 2001. pp. 352-371.
- VAN DIJK. Discourse, power and access. In: CALDAS-COULTHARD C. R. & COULTHARD, M. (orgs.). *Texts and Practices: readings in Critical Discourse Analysis*. London: Routledge, 1996. pp. 84-104.
- WODAK, R. *Disorders of discourse*. New York: Longman, 1996.